

RAMADA CURTO

TEATRO

DUAS MÃES

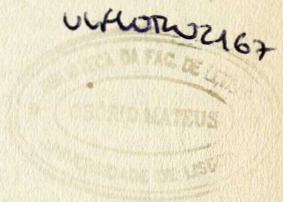
Peça em 3 actos

TEATRO DE RAMADA CURTO

DUAS MÃES

PEÇA EM TRÊS ACTOS

Representada pela primeira vez em
28 de Outubro de 1939, no Teatro
da Trindade



Edição da EMPRÊSA NACIONAL DE PUBLICIDADE
Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

O COSTUMADO PREFÁCIO

O clima — diz-se agora assim — para as coisas de teatro em Portugal é bastante instável. Vamos exemplificar.

Suponham os senhores que um dramaturgo cria, por exemplo, uma figura de mulher apaixonada e ardente, para a fazer passar, no terceiro acto, uma daquelas desilusões que assassinam uma alma — perdoe-se a imagem propositadamente enfática — uma daquelas derrocadas que transformam uma pessoa num farrapo. Se a razão da metamorfose à vista da heroína, não é apenas um truc teatral, sem legitimidade nem justificação no que fica para trás na história que se conta; se as cenas, os diálogos, a verdade psicológica das personagens não justificam a mutação; se é sensível o forçado, o postiço, o de cor daquilo tudo, é claro que o escritor não criou uma figura de mulher nem tratou um caso doloroso e humano. Limitou-se a escrever um rodriguinho de teatro a-fim-de emocionar pelo contraste grosseiro entre a mulher amorosa dos dois primeiros actos e a figura, trágica e súbitamente envelhecida do terceiro. Mas, se ouvindo ou lendo a peça, se descobre que a figura é humana, que o desenvolvimento da acção é lógico, que ao conflito não falta verdade, o homem de teatro situou-se de pleno direito dentro da literatura, tratou um caso de vida que provoca no espectador um fluxo de simpatia pela figura de mu-